

INSETOS E SAÚDE: UMA TIPOLOGIA TIKUNA DO SURGIMENTO DOS INSETOS TRANSMISSORES DE SIMULIDAE E CERATOPOGONIDAE

INSECTS AND HEALTH: A TIKUNA TYPOLOGY OF THE ORIGIN OF SIMULIIDAE AND CERATOPOGONIDAE DISEASE-VECTOR INSECTS

José Fernandes MENDONÇA

biofernandesufrj@gmail.com

Doutor em Antropologia Social no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ – Rio de Janeiro

Mestre em Linguística e Línguas Indígenas, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ – Rio de Janeiro.

Licenciado em Ciências Biológicas, Universidade Uni Nilton Lins - Manaus, Amazonas.

<http://lattes.cnpq.br/6706794099975279>

RESUMO

O artigo explora a visão dos Tikuna sobre a transmissão de doenças por insetos, abordando tanto explicações científicas quanto crenças culturais e espirituais. Para esse povo, insetos como Maruins e Piuns são transmissores de doenças graves e estão relacionados ao desrespeito às tradições e à feitiçaria, frequentemente motivada por inveja. Como prevenção, os Tikuna utilizam práticas físicas, como plantas repelentes, e espirituais, como o “fechamento do corpo” realizado por pajés. Essa abordagem mostra a relação entre saúde, espiritualidade e ecologia na cultura Tikuna.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Tikuna; Transmissão de doenças por insetos; Crenças culturais e espirituais; Práticas preventivas tradicionais

ABSTRACT

This article explores the Tikuna view of disease transmission by insects, addressing both scientific explanations and cultural and spiritual beliefs. For these people, insects such as Maruins and Piuns are transmitters of serious diseases and are related to disrespect for traditions and witchcraft, often motivated by envy. As prevention, the Tikuna use physical practices, such as repellent plants, and spiritual practices, such as “closing the body” performed by shamans. This approach shows the relationship between health, spirituality and ecology in the Tikuna culture.

KEYWORDS: Tikuna health; Disease transmission by insects; Cultural and spiritual beliefs; Traditional preventive practices



1. INTRODUÇÃO

Este artigo aborda as percepções de saúde e doença entre os Tikuna, o povo indígena mais populoso da Amazônia e da América Latina¹. Situados principalmente no Alto Solimões, na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, os Tikuna possuem um sistema de conhecimento específico sobre o surgimento e a transmissão de enfermidades. O foco principal deste estudo são os insetos transmissores de doenças — especialmente os Maruins (Ceratopogonidae) e os Piuns (Simuliidae) — considerados causadores de moléstias sérias como a Febre Oropouche, Oncocercose e Leishmaniose. Esses vetores de doenças ganham relevância não apenas por seus efeitos físicos, mas também pela maneira como se entrelaçam com a cosmologia e as práticas tradicionais dos Tikuna.

Este estudo revela que, para os Tikuna, o fenômeno da transmissão de doenças vai além das explicações científicas ocidentais, incorporando crenças culturais e espirituais profundamente enraizadas. A cosmologia Tikuna descreve um universo onde saúde e doença não são apenas condições biológicas, mas estados que refletem a interação contínua entre o ser humano e o mundo espiritual, governado por regras de respeito e equilíbrio com a natureza. Para os Tikuna, doenças como as filaríases e viroses transmitidas por insetos resultam, em parte, da violação de preceitos sagrados e da intervenção de forças sobrenaturais, incluindo práticas de feitiçaria, muitas vezes motivadas por inveja ou por disputas sociais.

A metodologia do artigo combina a trajetória pessoal e acadêmica do autor, um antropólogo Tikuna, com sua experiência de pesquisa em saúde indígena e em ecologia, especialmente durante seu período no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). O autor fundamenta-se em entrevistas com os anciãos Tikuna e na própria vivência entre a aldeia e o ambiente urbano, oferecendo um olhar genuíno e informado sobre as práticas preventivas Tikuna. Essas práticas incluem o uso de plantas como repelentes naturais, como o jenipapo e a andiroba, e a adoção de rituais protetivos, como o “fechamento do corpo” realizado por pajés para bloquear influências espirituais negativas.

¹ Segundo o último Censo do IBGE que contabilizou a população Tikuna, no Brasil no ano de 2010, os Tikuna eram 46.065 mil pessoas. Ver em: <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html>. Acesso em: 12 de novembro de 2024



Ao explorar essas práticas, o artigo contribui para a compreensão da cosmovisão Tikuna, evidenciando uma rede complexa de relações que liga o bem-estar físico e a dimensão espiritual ao ecossistema da Amazônia. Assim, ao abordar a saúde por meio dessa perspectiva abrangente, o estudo destaca a necessidade de reconhecimento e respeito pelas tradições indígenas na construção de estratégias de saúde pública que possam dialogar com essas realidades.

O autor deste artigo é um antropólogo Tikuna que vive na bacia amazônica, próximo à tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, residindo na Aldeia Indígena Filadélfia, a apenas 3,4 km de Benjamin Constant (AM). Proveniente da família Alfredo Fernandes Bastos, ele é o segundo e único filho de Mariza Fernandes em seu segundo casamento, e também o primeiro membro de sua família a ingressar na universidade, além de ser o primeiro Tikuna do lado brasileiro da fronteira a alcançar o doutorado em uma instituição pública. Sua trajetória acadêmica iniciou-se de forma tardia devido à separação dos pais, período em que foi criado pela avó e pelo tio materno. Sua educação formal teve início em 1991, na Escola Batista de Benjamin Constant (CESBI).

Aos 17 anos, mudou-se da Aldeia Filadélfia para Manaus, onde completou o Ensino Médio, em 2006, na Escola Estadual José Mestrinho. Graduiu-se em Ciências Biológicas e, posteriormente, fez mestrado em Linguística e Línguas Indígenas no Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas (PROFLIND) do Museu Nacional. Atualmente, cursa o doutorado em Antropologia Social no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS/MN). Com o conhecimento adquirido ao transitar entre o mundo Tikuna e o ocidental, ele busca, como indígena, registrar e divulgar as histórias e cosmovisões dos povos indígenas do Brasil, especialmente do povo Tikuna.

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada durante sua atuação no laboratório de Epidemiologia e Etnoecologia do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), onde, como bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC), estudou insetos, com foco nos Maruins e Piuns. As conclusões e reflexões apresentadas resultam de diálogos com outros Tikuna, especialmente anciãos que guardam o profundo conhecimento de tradições, crenças e mitos da cultura Tikuna.

2. OS TIKUNA E SEU TERRITÓRIO

Os Tikuna são um povo indígena que atualmente ocupa a região de fronteira entre Brasil, Peru e o trapézio amazônico da Colômbia. Com uma população de mais de 72.000 indivíduos



distribuídos entre esses três países, os Tikuna formam o maior grupo indígena da América Latina. Na mitologia Tikuna, o povo (Magüta) foi “pescado” nas águas sagradas de Ewaré pelo deus Yo’i, vivendo desde então em harmonia com a natureza. Segundo essa cosmologia, Yo’i e seu irmão Ypi acabaram com a escuridão ao derrubarem uma grande sumaumeira que encobria o céu, e após esse evento surgiram a arte Tikuna, os clãs e a prática de evitar casamentos entre membros da mesma linhagem, prevenindo problemas genealógicos de casamentos consanguíneos.

A chegada dos colonizadores europeus, no entanto, marcou o início de uma longa história de resistência. Desde o século XVII, os Tikuna enfrentaram invasões promovidas por seringueiros, pescadores, madeireiros e missionários religiosos. Essa resistência se intensificou no século XX, quando os Estados coloniais lutavam pelo domínio da Amazônia e da região do Rio Solimões. Na década de 1920, famílias Tikuna que viviam em áreas próximas à fronteira entre Peru e Colômbia foram ameaçadas pelo recrutamento forçado de homens indígenas pelos militares peruanos, que os utilizavam como combatentes nos conflitos territoriais da região. Temendo por sua segurança, muitos Tikuna migraram para áreas mais afastadas e de difícil acesso, como o território brasileiro.

A partir dos anos 1950, os Tikuna se organizaram em aldeias no Brasil, onde fundaram várias das maiores comunidades que hoje permanecem. Nesse período, conquistaram o reconhecimento oficial e a demarcação de suas terras no Alto Solimões, especialmente na área do trapézio brasileiro, localizada na trílice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru.

O Alto Solimões, localizado no oeste do Amazonas, é uma região de grande mobilidade populacional, diversidade étnica e alta rotatividade de trabalhadores que atuam na extração de recursos naturais. A presença de visitantes, migrantes e turistas contribui para a constante movimentação do território, que também é marcado por desmatamento, conflitos socioambientais e áreas indígenas demarcadas. Esses fatores tornam o Alto Solimões uma das áreas mais vulneráveis da Amazônia brasileira, com problemas críticos de saúde pública, acesso restrito a serviços de saúde devido às condições geográficas e altos índices de impacto ambiental, refletindo as condições de vida desafiadoras da população local.

Historicamente, a região do Alto Rio Solimões foi palco de disputas entre os impérios coloniais de Portugal e Espanha, que posteriormente evoluíram para rivalidades entre os Estados nacionais do Brasil, Peru e Colômbia. Esse território, chamado de Ewaré pelos Tikuna, é conhecido



como tríplice fronteira por abrigar o ponto de encontro desses três países. A história dessa área também foi marcada pela fundação de missões católicas e, mais tarde, protestantes e evangélicas, cujo objetivo era catequizar e explorar a mão de obra indígena. Nesse contexto, os Tikuna foram forçados a trabalhar na extração de recursos da floresta e até mesmo escravizados, tanto por missionários quanto por exploradores.

Atualmente, a tríplice fronteira é habitada por sete etnias indígenas: Tikuna, Kokama, Kaixana, Kanamari, Whitoto, Kambeba e Maku-Yuhup, totalizando aproximadamente 73.386 pessoas distribuídas em 241 comunidades. Entre as principais cidades dessa região estão Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins e Japurá.

3 INSETOS VETORES DE TRANSMISSÃO DE DOENÇAS NO TERRITÓRIO TIKUNA

Vivendo em uma das regiões mais quentes e úmidas do planeta, os Tikuna convivem diariamente com uma grande diversidade de insetos, muitos dos quais são vetores de doenças tropicais, especialmente arboviroses. Entretanto, na cosmologia Tikuna, essas enfermidades não são compreendidas apenas como fenômenos biológicos. Sua origem está relacionada aos acontecimentos ocorridos no tempo primordial (üüne), quando o mundo e seus habitantes ainda estavam sendo constituídos. Essa narrativa foi registrada por Pedro Inácio Pinheiro, Ngematücü, uma das mais importantes lideranças e guardiões da tradição oral Tikuna.

Segundo esse relato, após a criação do mundo, os irmãos Ipi e Aicüna perceberam o desaparecimento de seu tio, que vivia próximo a um lago habitado por jacarés. Convencidos de que algo grave havia acontecido, iniciaram uma longa busca pela floresta. Depois de caminharem durante muito tempo sem encontrar qualquer vestígio, decidiram pescar para matar a fome. Capturaram muitos peixes, mas continuavam sem notícias do parente desaparecido.

Resolveram então preparar uma popeca, alimento tradicional assado em folhas de taioba. Enquanto Ipi permanecia junto ao fogo e interrompia ocasionalmente o preparo para retomar as buscas, Aicüna foi colher as folhas necessárias para envolver o alimento. A demora fez com que sua fome aumentasse. Apesar dos pedidos do irmão para que aguardasse a refeição ficar pronta, Aicüna não resistiu e abriu a popeca antes do tempo.



MENDONÇA, J. F.

INSETOS E SAÚDE: UMA TIPOLOGIA TIKUNA DO SURGIMENTO DOS INSETOS TRANSMISSORES DE SIMULIDAE E CERATOPOGONIDAE

| Dossiê

No instante em que desembalhou o alimento, um grande enxame de insetos saiu de seu interior. Assustada, Aicüna chamou por Ipi, mas os insetos já haviam escapado, espalhando-se pelo mundo. Desde então, passaram a acompanhar os seres humanos, picando-os e transmitindo enfermidades. Na cosmologia Tikuna, portanto, o surgimento desses insetos está associado à transgressão de uma orientação sagrada. As doenças que eles carregam representam as consequências do rompimento da ordem estabelecida no tempo da criação.

Na tradição Tikuna, Ipi e Aicüna são irmãos imortais nascidos do joelho esquerdo de Ngutapa, o criador do povo Tikuna. Eles pertencem ao tempo primordial (üüne), período em que os seres possuíam natureza imortal e o mundo ainda obedecia diretamente às forças sagradas. Nesse tempo, dizia-se que as pessoas cresciam rapidamente e deveriam manter pensamentos e comportamentos corretos, pois qualquer desvio era capaz de alterar profundamente a ordem do universo. Ipi e Aicüna figuram entre os principais heróis civilizadores da tradição Tikuna, sendo responsáveis por diversos acontecimentos que explicam a origem dos seres, das práticas culturais e dos perigos presentes no mundo.

Embora muitos insetos desempenhem funções importantes para os Tikuna — como ocorre com os cupins, abordados em outro momento deste trabalho —, alguns são considerados particularmente nocivos à saúde, sobretudo os insetos hematófagos. As fêmeas dessas espécies alimentam-se tanto de substâncias açucaradas provenientes da seiva das plantas e das excreções de afídeos quanto do sangue de vertebrados, necessário para o desenvolvimento de seus ovos. No território Tikuna, esses insetos encontram condições ambientais favoráveis durante todo o ano, atacando animais silvestres, animais domésticos e seres humanos.

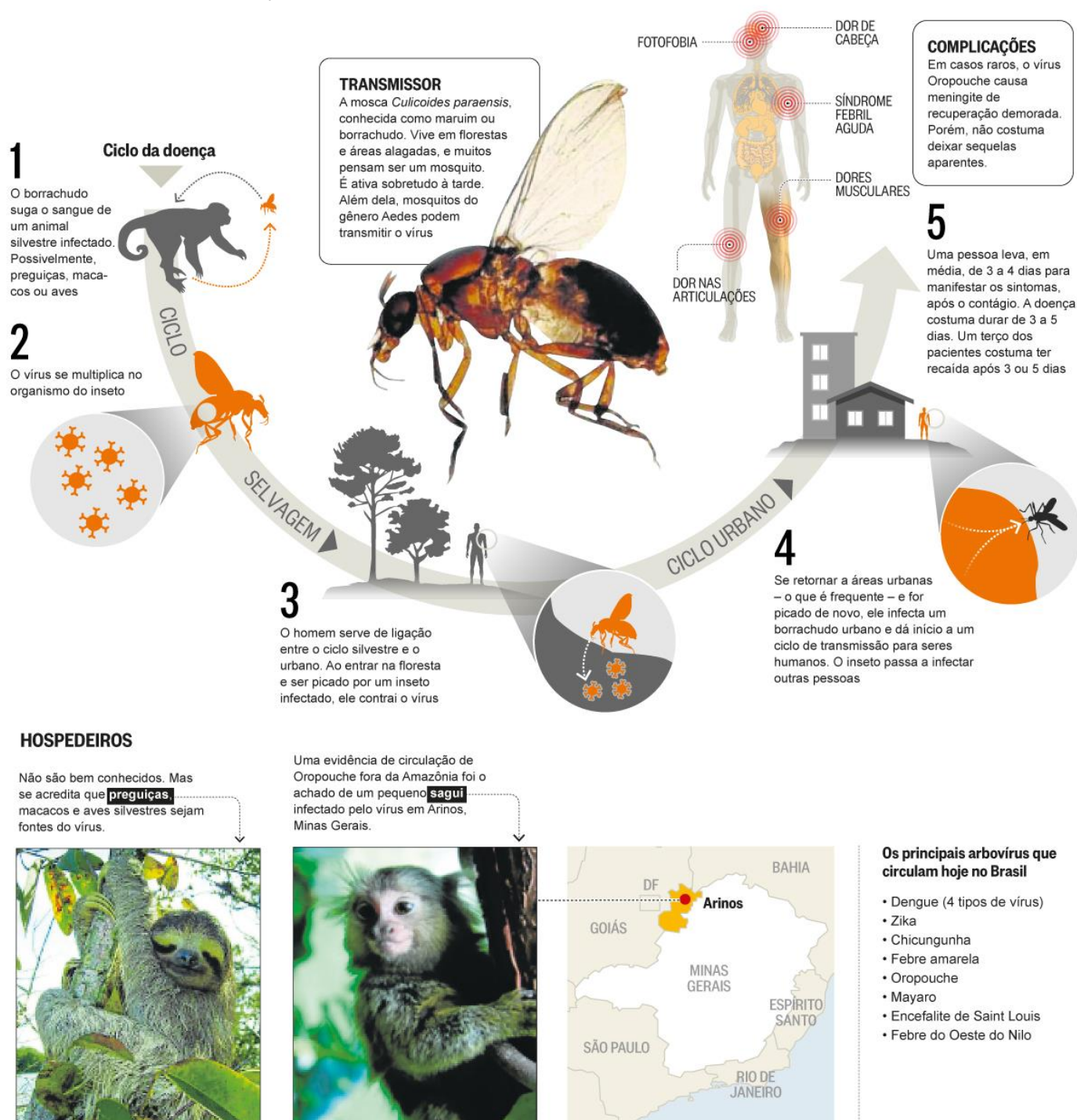


MENDONÇA, J. F.

INSETOS E SAÚDE: UMA TIPOLOGIA TIKUNA DO SURGIMENTO DOS INSETOS
TRANSMISSORES DE SIMULIDAE E CERATOPOGONIDAE

| Dossiê

Figura 1 – Ciclo de transmissão de arbovírus transmitidos por maruins e piuns



Fonte: GOVERNO FEDERAL, 2017

Entre esses insetos, o mosquito é certamente o mais conhecido. Espécies como *Aedes aegypti*, originária da África, transmitem dengue, febre amarela, zika e chikungunya, enquanto mosquitos do gênero *Anopheles* são responsáveis pela transmissão da malária.

Entretanto, dois outros grupos de insetos assumem especial importância na região do Alto Solimões e no território Tikuna: o Pium e o Maruim, ambos nativos da Amazônia e reconhecidos como importantes vetores de doenças.

O Pium, conhecido em diversas regiões do Brasil como borrachudo, pertence à família Simuliidae (gênero *Simulium*). Suas larvas desenvolvem-se exclusivamente em águas correntes, limpas e bem oxigenadas, razão pela qual diversas espécies são abundantes na Amazônia. Durante a alimentação, o inseto injeta substâncias anticoagulantes na pele da vítima, provocando intensa irritação, lesões de difícil cicatrização e favorecendo infecções secundárias. Algumas espécies de *Simulium* podem atuar como vetores de enfermidades como a oncocercose (cegueira dos rios), a mansonelose e determinadas formas de leishmaniose (LACEY & CHARLWOOD, 1980; MEDEIROS & PY-DANIEL, 2003).

Figura 2 – Pium (Simuliidae)



Fonte: Wikipedia. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Simulium#/media/Ficheiro:Black_Fly.png. Acesso em: 21 out. 2024.

O Maruim, conhecido também como mosquito-pólvora, pertence à família Ceratopogonidae. Desenvolve-se em ambientes aquáticos ou semi-aquáticos e ocorre amplamente na bacia amazônica. No Brasil, é considerado o principal vetor da febre Oropouche, causada pelo Oropouche orthobunyavirus, enfermidade endêmica da América Tropical que, nos últimos anos, voltou a provocar importantes surtos na Amazônia devido à circulação de novas linhagens virais (RODRIGUES, 2024). Além disso, espécies de ceratopogonídeos podem transmitir outros vírus, protozoários e nematoides filariais associados a doenças que afetam seres humanos e outros animais.

Figura 3 – Maruim (Ceratopogonidae)



Fonte: SOUZA FARIAS, 2014, p. 19.

Na percepção Tikuna, tanto o Maruim quanto o Pium figuram entre os insetos mais perigosos para a humanidade. Além de provocarem dor e sofrimento, comprometem a capacidade das pessoas de realizar atividades essenciais, como a agricultura, a pesca, a caça e a produção de artesanato. Em resposta a essa ameaça, os Tikuna desenvolveram um conjunto de tecnologias tradicionais de proteção, entre elas a aplicação da borra de jenipapo sobre a pele, o uso de folhas aromáticas e a fumaça produzida pela queima de madeiras infestadas por cupins, conhecidas como "casas de cicantã". Essas práticas demonstram que o conhecimento Tikuna sobre os insetos vetores articula observações ecológicas, experiências práticas e interpretações cosmológicas, constituindo



um sistema próprio de compreensão da saúde e da doença que dialoga, mas não se limita, às explicações oferecidas pela biomedicina.

4. TRANSMISSÃO DAS DOENÇAS NA PERCEPÇÃO TIKUNA

As celebrações tradicionais dos Tikuna reúnem pessoas de diversas localidades e aldeias para festejarem juntas. A transmissão das filárias, oriundas de Maruins e Piuns, ocorre durante esses períodos de interação social intensa, com a participação de pessoas vindas de diferentes pontos do território Tikuna, incluindo até mesmo não-indígenas de grandes metrópoles, convidados pelas lideranças que organizam os festejos. Nestas ocasiões, diversos agentes etiológicos hematófagos aproveitam a aglomeração humana para se alimentarem do sangue dos participantes e, assim, se reproduzirem, inoculando filárias nas pessoas. As fêmeas desses insetos precisam de sangue para se reproduzir: ao picarem uma pessoa contaminada, podem transmitir viroses e/ou filárias para outras não contaminadas. Esta transmissão é conhecida como “transmissão caseira” pelos agentes de saúde, um termo adotado pelos Tikuna, e refere-se à transmissão que ocorre no convívio diário, intensificada em momentos de celebração comunal.

No entanto, para os Tikuna, esse processo de transmissão não se limita apenas à picada direta do agente etiológico contaminado. Existem outras formas pelas quais as doenças podem ser transmitidas. Uma delas é o uso de roupas de pessoas contaminadas por outras pessoas. Os mais velhos advertem contra o hábito de compartilhar vestimentas, pois isso pode resultar na transmissão de doenças.

Os antepassados Tikuna também diziam que não se deve sair de casa ou se comportar de forma inadequada em horários considerados sagrados. O pôr do sol, por volta das 18h, é conhecido como a “hora da onça”, da cobra e dos imortais que passam pela terra ao anoitecer. Nesse momento liminar entre o dia e a noite, os imortais vagam pelo ar, e qualquer pessoa que estiver fora de casa pode ser levada, atacada ou adquirir doenças trazidas pelo vento. A exposição nesse horário pode resultar em picadas de cobras ou de insetos transmissores de doenças infecciosas.

Os anciãos Tikuna acreditam que o mundo é sagrado e que violar essa sacralidade, especialmente na hora sagrada, pode atrair animais ferozes que puniriam o transgressor. Esses animais podem até se transformar em pessoas para enganar e confundir quem desobedece,



levando-o a viver no mundo dos imortais. Nesse momento liminar, conhecido como Üüne, os Tikuna são alertados de que o universo entra em um tempo sagrado. Todo tipo de excesso deve ser evitado, especialmente a fala de besteiras, palavras vulgares ou maldições.

Desobedecer aos conselhos dos mais velhos ou desprezar a beleza do mundo nesse momento pode resultar em doenças ou até mesmo no aparecimento de criaturas terrenas, como uma onça no caminho do transgressor, ou na transmissão de doenças por picadas de insetos. Ambas são vistas como manifestações da natureza sagrada, que punem aqueles que desrespeitam os ritmos sagrados do Üüne. Da mesma forma, sair de casa nesses momentos pode, segundo a concepção Tikuna, resultar na transmissão de doenças, visto como um ato de desobediência à ordem sagrada, que pode ser punido pelos imortais.

Para os Tikuna, a feitiçaria também é uma das origens de doenças transmitidas por Maruins e Piuns — talvez até a principal origem. Como observou Edson Tosta Matarezio Filho: "Para os Tikuna, as doenças são todas causadas por feitiço, ou seja, pela intenção de alguém" (MATAREZIO, 2019, p. 223). Eu, como Tikuna e antropólogo, discordo de meu caro colega Edson em um ponto: todas as doenças, não; mas muitas, sim. Mais importante, como Evans-Pritchard (1937) famosamente advertiu, as acusações de feitiçaria não precisam ser antagônicas a outras explicações:

A crença na morte por feitiçaria e a crença na morte por causas naturais não são mutuamente exclusivas. Pelo contrário, uma complementa a outra, explicando o que a outra não explica. Além disso, a morte não é apenas um fato natural, mas também um fato social. (EVANS-PRITCHARD, 1937, p.56)

Em outras palavras, sim, a cegueira do rio pode ser transmitida pela mordida do Maruim, mas por que o Maruim escolheu picar exatamente aquela pessoa? Temos certeza de que o Maruim é apenas um inseto?

Os Tikuna compreendem o feitiço dentro do contexto de tensões sociais pré-existentes. O feitiço não ocorre sem motivo: é motivado principalmente pela inveja. Como observou Maria Isabel Cardozo da Silva-Bueno (2022):

Pode-se afirmar que o sentimento que primeiro motiva a feitiçaria é a inveja — seja de algum bem que a vítima possa ter adquirido (casa nova, moto, pequena



MENDONÇA, J. F.

INSETOS E SAÚDE: UMA TIPOLOGIA TIKUNA DO SURGIMENTO DOS INSETOS TRANSMISSORES DE SIMULIDAE E CERATOPOGONIDAE

| Dossiê

mercearia na aldeia, entre outros) ou por algum cargo remunerado (professor, agente de saúde, etc.). A raiva, que pode se desdobrar em vingança, também pode motivar a feitiçaria. (SILVA-BUENO, 2022, p. 8-9)

No entanto, entre os Tikuna, o feiticeiro é semelhante àquele descrito por Douglas (1970), que utiliza o impuro e o potente contra o puro e o indefeso. “Crenças em feitiçaria são essencialmente um meio de clarificar e afirmar distinções sociais... [com] umas pessoas tentando controlar outras com maior ou menor grau de sucesso” (DOUGLAS, 1970, p.25)

As substâncias transmitidas por insetos hematófagos, que carregam arboviroses e outras doenças, são algumas das que podem ser manipuladas pelo feiticeiro para causar mal às suas vítimas.

Na tradição Tikuna, existe uma história que narra um tempo em que os Tikuna estavam à beira da extinção, sendo devorados por animais selvagens que habitavam o interior de uma montanha. Após um sonho revelador, um Tikuna plantou pimentas e, ao queimá-las, conseguiu expulsar os animais ferozes. Esse ritual resultou no surgimento do pajé, que adquiriu conhecimentos espirituais para proteger o povo.

Atualmente, os Tikuna dividem os indivíduos com poderes espirituais em duas categorias: os pajés, que curam e protegem, e os feiticeiros, que fazem o mal mediante pagamento. Um pajé é uma figura de respeito, enquanto o feiticeiro usa seu poder para causar danos, utilizando elementos como espinhos ou agulhas invisíveis, conhecidos como Tchûta, para amaldiçoar suas vítimas.

Assim, entre os Tikuna, ser um yuücü implica tanto a capacidade de cura quanto de causar mal, o que gera desconfiança sobre aqueles que possuem poderes espirituais.

5. MEDIDAS PROFILÁTICAS

Dessa forma, a proteção que os Tikuna desenvolvem contra as moléstias transmitidas por Maruins e Piuns inclui tantas profilaxias físicas (como o uso de essências de plantas repelentes, fumaça de madeira infestada por cupins, etc.) quanto espirituais (evitar determinados comportamentos em momentos específicos). Além disso, os Tikuna consideram a possibilidade de agressões espirituais por parte de feiticeiros, que precisam ser combatidas com a intervenção de pajés.



Uma das estratégias mais comuns que os Tikuna utilizam para evitar a propagação de doenças é o isolamento social de pessoas infectadas, que são mantidas em suas casas, enquanto suas roupas são queimadas para evitar contaminações adicionais.

As medidas profiláticas físicas variam desde ações simples (como evitar o uso de roupas de outras pessoas) até práticas mais elaboradas. Estas últimas incluem o uso de repelentes naturais, como o óleo de andiroba (*Carapa guianensis*), folhas de pimenta malagueta (*Capsicum frutescens*), óleo extraído do caule da copaíba (*Copaifera langsdorffii*) e o sumo da fruta verde do jenipapo (*Genipa americana*), árvore nativa da região.

As folhas da pimenta malagueta e outras plantas de odor forte foram amplamente utilizadas durante o auge da pandemia de COVID-19, tanto para repelir insetos quanto para aliviar a coceira provocada pelas picadas. Esses óleos e sumos são aplicados diretamente sobre a pele para protegê-la, sendo também usados na higienização dos Tikuna de todas as idades. Adicionalmente, acredita-se que o sumo do jenipapo funcione como um antígeno, estimulando a produção de anticorpos que neutralizam agentes invasores (MENDONÇA-TIKUNA, 2022).

Na história do povo Tikuna, o jenipapo tem um papel simbólico importante. No início do mundo, os irmãos Ipi e Yoi, filhos do Ngutapa com a Mapanã, que nasceram dos joelhos do Ngutapa, disputavam o amor de uma jovem que surgiu da fauna e flora, conhecida como Tetchi arü ngu'ü ("a moça do umari"). Quando Yoi engravidou a moça e a criança estava prestes a nascer, Ipi, envergonhado, perguntou a Yoi: "O que fará agora? Sua mulher está quase para dar à luz." Yoi então pediu que Ipi apanhasse a fruta do jenipapo para ralar e pintar o recém-nascido com seu sumo, a fim de protegê-lo de todas as maldades, tanto físicas quanto espirituais (Rapozo et al., 105).

Além disso, certas plantas são usadas para aliviar a coceira causada pelas picadas de insetos. Já mencionamos as folhas da pimenta malagueta, mas também é comum o uso da casca ralada do caule da árvore de limoeiro (*Citrus limonum*).

Por fim, a queima da "casa do cicantã", ou tcharé em Tikuna (madeira infestada por cupins), é usada para afastar insetos hematófagos, já que a fumaça é nociva para eles. Os poucos insetos que tentam se aproximar acabam morrendo. O material deve estar bem seco e, quando encontrado úmido, é enrolado em folhas resistentes e secado sobre uma fogueira antes de ser utilizado.



Como mencionado anteriormente, os Tikuna evitam sair de suas casas na hora liminar entre o dia e a noite. Também evitam o uso de linguagem rude ou abusiva nesse momento sagrado, além de desobedecer às orientações dos mais velhos. Entende-se que essas práticas ajudam a prevenir uma série de moléstias que poderiam ser carregadas por entidades espirituais disfarçadas de seres deste mundo, punindo os Tikuna que transgridem as normas sagradas. As filárias e arboviroses transmitidas por insetos (quicá entidades espirituais disfarçadas) hematófagos podem ser, segundo sua concepção, formas de castigo.

Além dessas práticas, os Tikuna adotam medidas para se proteger de feitiços que podem empregar insetos como parte da magia malévola. A principal delas é o "fechamento do corpo".

Para proteger alguém, a família convida um pajé para bloquear os efeitos de feitiçaria, "fechando" o corpo da pessoa através de rituais espirituais baseados na pajelança. Durante o ritual, a pessoa protegida deve observar várias restrições, como evitar atividades que possam causar ferimentos, como jogar bola. Se a vítima se machucar, todo o trabalho de fechamento do corpo pode ser desfeito, comprometendo sua proteção.

6. BREVE ANÁLISE DA METODOLOGIA DE PESQUISA

Explorar a visão dos Tikuna sobre a transmissão de doenças por insetos, como Maruins e Piuns, abordando as interações entre o conhecimento tradicional e a biomedicina contribui para a valorização dos Etnosaberes dos povos indígenas brasileiros. A partir de uma perspectiva etnográfica, o estudo oferece um olhar autêntico sobre as práticas e crenças, revelando que a saúde, para os Tikuna, integra tanto aspectos biológicos quanto espirituais e sociais. A metodologia etnográfica busca trazer profundidade à análise por meio de entrevistas com anciãos e da experiência pessoal do autor.

Um dos principais temas abordados, que é a integração dos saberes tradicionais com a ciência, é abordado a partir da percepção dos Tikuna de que a picada de insetos não é apenas um fenômeno natural, mas também punições espirituais ou feitiçaria, o que sugere uma visão da saúde enraizada em crenças culturais. Isso levanta a necessidade de políticas de saúde pública mais inclusivas que considerem as cosmologias e práticas culturais e espirituais, como o uso de plantas repelentes e rituais espirituais.



Neste trabalho, a abordagem da feitiçaria e das relações sociais, indicando que a atribuição de doenças a feitiçaria reflete tensões sociais internas, funciona como uma forma de mostrar os mecanismos para mediação de conflitos entre o povo Tikuna.

O presente trabalho tem por objetivo destacar a importância de respeitar o conhecimento indígena para melhorar as políticas de saúde pública na região do Alto Solimões, a partir da sugestão de que práticas tradicionais e biomedicina possam dialogar de maneira eficaz.

6. CONCLUSÕES

A análise das percepções dos Tikuna sobre as doenças transmitidas por insetos como maruins e piuns revela uma complexa interseção entre saberes científicos e crenças tradicionais. Para este povo, a saúde não é apenas uma questão biológica, mas também profundamente ligada ao comportamento social, espiritualidade e respeito às normas culturais. A compreensão Tikuna das moléstias vai além das explicações biomédicas, englobando tanto os aspectos físicos quanto espirituais das enfermidades.

Ao explorar como os Tikuna utilizam medidas profiláticas — que vão desde o uso de plantas repelentes, como a andiroba e o jenipapo, até a prática de rituais espirituais como o "fechamento do corpo" — constatamos a importância de um sistema de saúde que respeita e incorpora esses saberes locais. Essas práticas não apenas reforçam a coesão comunitária, mas também representam um modelo holístico de cuidado, que visa proteger tanto o corpo quanto o espírito.

Além disso, o estudo destaca que, na visão Tikuna, a transmissão de doenças está intrinsecamente ligada a fatores sociais, como inveja e feitiçaria. As explicações espirituais, que para muitos podem parecer incompatíveis com a ciência, complementam as explicações naturais, trazendo uma perspectiva que integra o mundo material ao espiritual. Como sugerido por Evans-Pritchard (1937), crenças em feitiçaria e causas naturais não são mutuamente exclusivas, mas se complementam em um sistema de significados que faz sentido dentro do contexto cultural dos Tikuna.

Portanto, o respeito aos conhecimentos tradicionais é essencial, especialmente em contextos como o Alto Solimões, onde a mobilidade populacional e a diversidade étnica criam desafios únicos para a saúde pública. O reconhecimento desses saberes pode contribuir para



MENDONÇA, J. F.

INSETOS E SAÚDE: UMA TIPOLOGIA TIKUNA DO SURGIMENTO DOS INSETOS TRANSMISSORES DE SIMULIDAE E CERATOPOGONIDAE

| Dossiê

políticas de saúde mais inclusivas e culturalmente sensíveis, que dialoguem com as práticas já existentes nas comunidades indígenas.

Em síntese, este trabalho demonstra que as práticas de saúde dos Tikuna, ao integrar elementos físicos e espirituais, representam uma abordagem que valoriza a totalidade da experiência humana. Ao respeitar esses saberes, podemos promover um modelo de saúde que reconhece a importância de conectar ciência e espiritualidade, reforçando a resiliência das comunidades indígenas diante das adversidades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Governo do Estado do Paraná. *Casos de Vírus Oropouche*. Portal Saúde do Viajante, 2017. Disponível em: <https://www.saudedoviajante.pr.gov.br/Noticia/Casos-de-Virus-Oropouche>. Acesso em: 9 out. 2024.

DOUGLAS, Mary. Introduction. In: DOUGLAS, Mary (org.). *Witchcraft Confessions and Accusations*. New York: Routledge, 1970.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Witchcraft, Oracles and Magic among the Azande*. Oxford: Clarendon Press, 1937.

LACEY, L. A.; CHARLWOOD, J. D. On the biting activities of some anthropophilic Amazonian Simuliidae (Diptera). *Bulletin of Entomological Research*, Cambridge, v. 70, p. 495-509, 1980.

MATAREZIO FILHO, Edson Tosta. Do resgate de almas à execução do feiticeiro: notas sobre o xamanismo Ticuna. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 218-239, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sec.v22i1.49691>. Acesso em: 9 out. 2024.

MEDEIROS, Jorge Ferreira; PY-DANIEL, Victor. Atividade hematofágica diária e taxa de infecção de *Cerqueirellum argentiscutum* (Shelley & Luna Dias) (Diptera: Simuliidae) por *Mansonella ozzardi* (Manson) (Nematoda: Onchocercidae) em uma comunidade do Rio Solimões, Amazonas, Brasil. *Entomologia y Vectores*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 9-20, 2003.

MENDONÇA-TIKUNA, José Fernandes. Desastre avassalador da pandemia de Covid-19 no Alto Rio Solimões (Amazonas, Brasil): uma lembrança em dor. In: COLETIVO VOZES INDÍGENAS NA SAÚDE COLETIVA (org.). *Vozes indígenas na produção do conhecimento: para um diálogo com a saúde coletiva*. São Paulo: Hucitec, 2022.

NIMUENDAJU, Curt. *The Tukuna*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1952.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de; PUCÜRACÜ, Santo Cruz M. C.; RAPOZO, Paulo (org.). *Torü duü'ügü: nosso povo*. Rio de Janeiro: Museu Nacional; SEC/MEC; SEPS; FNDE, 1985.



MENDONÇA, J. F.

INSETOS E SAÚDE: UMA TIPOLOGIA TIKUNA DO SURGIMENTO DOS INSETOS TRANSMISSORES DE SIMULIDAE E CERATOPOGONIDAE

| Dossiê

RODRIGUES, Léo. Surto recente de febre Oropouche foi causado por nova linhagem viral. *Agência Brasil*, Brasília, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2024-09/surto-recente-de-febre-oropouche-foi-causado-por-nova-linhagem-viral>. Acesso em: 9 out. 2024.

SILVA-BUENO, Maria Isabel Cardozo da. O feitiço em relação: notas etnográficas sobre agressão e morte numa comunidade Magüta (Alto Solimões – Brasil). *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 65, n. 2, 2022.

SOUZA FARIAS, Emanuelle. *Efeito antrópico na diversidade de maruins (Diptera: Ceratopogonidae) em uma área de assentamento rural na Amazônia*. 2014. Dissertação (Mestrado em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia) – Programa Multi-Institucional de Pós-Graduação em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas/Instituto Leônidas e Maria Deane, Manaus, 2014.



SOBRE A AUTORIA

José Fernandes MENDONÇA

Doutor em Antropologia Social no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Mestre em Linguística e Línguas Indígenas, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Licenciado em Ciências Biológicas, Universidade UniNilton Lins (Manaus, Amazonas). E-mail: biofernandesufrj@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6706794099975279>

Submissão: 01 de março de 2026

Avaliações concluídas: 30 de junho de 2026

Aprovação: 4 de agosto de 2026



MENDONÇA, J. F.

INSETOS E SAÚDE: UMA TIPOLOGIA TIKUNA DO SURGIMENTO DOS INSETOS TRANSMISSORES DE SIMULIDAE E CERATOPOGONIDAE

| Dossiê

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

MENDONÇA, José Fernandes. INSETOS E SAÚDE: UMA TIPOLOGIA TIKUNA DO SURGIMENTO DOS INSETOS TRANSMISSORES DE SIMULIDAE E CERATOPOGONIDAE. Revista Temporis(ação): periódico acadêmico de conexões multidisciplinares em Educação e Ensino da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Cidade de Goiás; Anápolis. **V. 26, N. 01, p. 01-18, jan./jul., 2026**. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>

Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >